

## **SER MULHER: UM OLHAR HISTÓRICO E SEUS REFLEXOS VIOLENTOS<sup>1</sup>**

**Ana Claudia Delajustine<sup>2</sup>, Marcieli Silva De Oliveira<sup>3</sup>, Sonia Da Costa Fengler<sup>4</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa realizado dentro do curso de graduação de Psicologia da Unijuí, a partir do estágio em Processos Sociais realizado na Coordenadoria da Mulher de Ijuí

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia - Unijuí

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Psicologia - Unijuí

<sup>4</sup> Mestre em Educação, Habilitação em Psicologia

Por que ocorre tanta violência contra a mulher? O que levou a mulher a essa condição de oprimida pela sociedade? Fazendo um resgate histórico do papel da mulher na sociedade, propõe-se pensar que as opressões estão normatizadas desde a historicidade que esse sexo carrega. Percebe-se a importância da discussão sobre o tema, a partir dos altos índices de violência doméstica que vêm sendo registrados, tanto no âmbito municipal, como estadual ou nacional.

Assim que os debates sobre a mulher ganham uma importância mais significativa, emerge uma historiografia que traz à tona a imagem da mulher reconstruída vindo do olhar dela “presa” a um tipo de representação: não ser reconhecida sem a figura do homem.

A partir desse questionamento, surge a presente pesquisa bibliográfica; que visa resgatar a importância do feminino enquanto ser social independente e questionar a violência que vem sendo sofrida; além de propor uma reflexão sobre estereótipos de gêneros.

A mulher, historicamente falando, sempre foi dividida em grupos, em representações. Representações essas, construídas por ideais masculinos, dando vez aos estereótipos levados pela sociedade até hoje. A mulher não existia sozinha, enquanto pessoa, apenas ganhava visibilidade quando fazia parte de um casal, estando em posição de objeto, e o homem, de dominador e ser social.

A mulher exerceu um papel imprescindível no início da vida social, destacando-se por apresentar como função primordial a reprodução da espécie humana. No entanto, essa característica não foi suficiente para garantir sua valorização, e sim, o oposto. Prevaleceu o fato de que as relações interpessoais continham poder e hierarquia, oprimindo as mulheres e estendendo a desvalorização ao longo dos anos.

A opressão da mulher está diretamente ligada ao funcionamento de dois sistemas que se interligam: o capitalismo e o patriarcalismo. Na sociedade capitalista hierarquizada em que se vive, há um faz de conta: o de que todos são iguais perante a lei. É justamente o “todos” que ressalta o masculino e que faz subentender as mulheres, até no âmbito discursivo, colocando-as como inexistentes enquanto pessoas; e que só passam a existir quando se mantêm em um relacionamento.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XXII Seminário de Iniciação Científica

O âmbito social exige que alguém tenha o poder em qualquer relação, seja em instituições, em universidades ou em relacionamentos. Exige-se que as pessoas pertençam à outras. Porém, o poder, está ligado à dominação, à força; e dessa forma pode potencializar a violência contra a mulher.

A diferença entre os gêneros é marcada principalmente pela desigualdade de direitos que acaba gerando a submissão da mulher e o empoderamento do homem. Poder que remete a força usada contra a mulher, pois sua existência enquanto “posse” do gênero masculino está normatizada socialmente.

Segundo a análise de Mary dei Priore, duas características marcaram o início das produções sobre o feminino: fazer emergir a mulher no cenário de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a exploração, a opressão e a dominação que a vitimava.

A sociedade é marcada pela homogeneidade masculina e defende a ideia de que a mulher é incapaz de ser autônoma, não sendo suficientemente sábia a tomar suas decisões. Analisando a evolução social a mulher é marcada por um discurso hierárquico que a coloca no lugar de “ser inferior” perante o homem. A mulher passa a ser considerada o “sexo frágil”, teoricamente necessitando ter um responsável sobre ela.

Como se chegou à relação mulher – sexo frágil? Desde criança a educação é voltada à divisão do que pertence ao homem e do que pertence à mulher. Assim, meninas são pressionadas por um discurso já normatizado culturalmente, que as brincadeiras possíveis à elas são àquelas que a tornarão uma boa mãe. Criam-se estereótipos desde a infância, dificultando a desconstrução dessas características de submissão e dominação da mulher.

A sociedade cobra a postura autônoma e de liderança do homem, assim como exige a posição submissa da mulher, levando à uma exigência enquanto casal, de ambos, nas ditas “funções” de marido e mulher, que estão diretamente ligadas ao modelo patriarcal e hierárquico.

As diferenças entre homens e mulheres transcendem ao mero aspecto biológico. Ao observar as relações entre os sujeitos, verifica-se que as características sexuais foram fatores condicionantes para a identificação de papéis impostos pela sociedade; atividades que embora pudessem ser exercidas por ambos, foram socialmente aceitas por apenas um deles, configurando desigualdades sociais que implicam até hoje, na exclusão feminina.

Levando em consideração o modelo patriarcal em que a mulher se vê confinada no papel maternal e doméstico que lhe foi imposto, é pego o corpo como o primeiro lugar da inscrição em que a sociedade lê para diferenciar homens e mulheres. Constitui-se assim, uma diferença opositora entre homens e mulheres tomando o corpo como principal fator para desencadear essa diferença, a distinção de gênero que nos foi imposta nos remete a reproduzi-la.

A busca por igualdade de direitos de gênero inicia após a Segunda Guerra, quando por falta de mão-de-obra na indústria, a mulher passa a ser obrigada a trabalhar. Neste cenário a mulher passa a questionar seu papel social e a história cultural do patriarcado. Ela passa então a, lentamente, enfrentar o preconceito fora de casa e demandar um novo olhar sobre essas pessoas, que não querem pertencer à alguém ou à algum estereótipo.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XXII Seminário de Iniciação Científica

A partir desse momento se constrói um novo discurso social e começa a desconstrução do discurso de hierarquia nos relacionamentos. A mulher deixa seu lugar de “dona de casa” e passa a ocupar um lugar de “dona de si”, livre para exercer a função que desejar.

Desprender-se desse papel imposto pela sociedade é um processo que necessita muita desconstrução pelo fato de ser um discurso teórico e prático normatizado no âmbito social de maneira histórico-cultural.

Sair do mito de papéis pré-estabelecidos, construindo realidades peculiares a cada relação é difícil, pois se despir do ser feminino versus ser masculino, para construir uma cultura igualitária de direitos, movimentada toda uma estrutura de disputa pelo poder. Movimentada toda uma estrutura patriarcal e hierárquica que se construiu na sociedade, retirando do sujeito tudo aquilo que ele tinha como referencial para a sua construção, ou seja, o sujeito perde toda uma singularidade que ao mesmo tempo o separa do outro e também o identifica como indivíduo perante ao outro.

A mulher é cobrada a se portar tal como a sociedade e seu discurso normatizado impõe o que é ser mulher, criando-se um discurso que também é simbólico, inserido socialmente de uma maneira que traz diversas consequências visíveis e concretas: atos de violência e desigualdade contra a mulher.

Um olhar atento para com a sociedade permite perceber que tais papéis já bem estabelecidos como atividades próprias dos sexos acabaram sendo internalizados pelos próprios sujeitos. Ao reproduzirem, mesmo que inconscientemente, determinadas práticas e valores, as pessoas permanecem agindo para a manutenção do modelo patriarcal e dessas supostas regras de conduta.

Tomando a definição de uma identidade feminina e a formação da identidade masculina, podemos perceber que tanto a igualdade de gênero, como a diferença, partem de alguns pontos em comum, elaborando conceitos básicos para uma análise relacionada a história da construção social e política do “ser homem” e “ser mulher”. A cultura individualista e seu discurso de sociedade patriarcal, encara a submissão e a violência sofrida pela mulher uma forma de defesa à seu lugar ocupado.

A sociedade ainda é patriarcal e machista, predominando o controle do macho sobre a fêmea e é em consequência desta dominação e logo, do poder teoricamente adquirido, que a mulher está em posição de vítima de violência.

Dessa forma, a violência aparece nas relações de afeto. As manifestações violentas são importadas das crenças de que o homem, pelo poder que lhe é atribuído, precisa exercer controle da mulher e da família. A violência sofrida pela mulher é reflexo de um discurso patriarcal e hierárquico, que historicamente acabou normatizado na sociedade que tem como característica relacionamentos baseados no poder e na dominação do gênero masculino.

A realidade histórica brasileira construiu um mito social de preconceito a partir de um discurso normatizado de hierarquização das relações. O sexo feminino resgatará sua devida importância e contribuição na produção social, não pelo viés de disputa de poder entre os sexos, mas pela necessidade de que prevaleça a igualdade social nas relações humanas, fugindo da ideia de relações hierarquizadas e patriarcais.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XXII Seminário de Iniciação Científica

Palavras-Chave: estereótipos; papel social; normatização; relações hierarquizadas.

Referências Bibliográficas:

Priore, Mary Del. A Mulher na História do Brasil. São Paulo, Contexto, 1988.